

A TEORIA DO DISCURSO E ANÁLISE DO DISCURSO: DE ERNESTO LACLAU A MICHEL FOUCAULT

Fabio Alves Ferreira¹

RESUMO: Neste trabalho pretendemos analisar as propostas de construção social da realidade a partir da Teoria do Discurso, na perspectiva de Ernesto Laclau e da análise do discurso de Michel Foucault. Um discurso na perspectiva de Laclau ocorre pela articulação contingente de identidades, em torno de demandas hegemônicas por uma das identidades que configuram o sentido da realidade. Esse fechamento de sentido é sempre inacabável e, portanto, é contingente e temporário. Já para Foucault o sentido do discurso não está preso às suas condições de emergência passadas, e o que o define não é tanto um conjunto de aspectos comuns, mas um conjunto de regras de formação comuns e um marco institucional desde onde a autoridade do discurso emana. Aqui pretendemos expor os pressupostos epistemológicos dos dois autores e suas implicações na construção do político.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria do Discurso. Análise do Discurso. Michel Foucault. Ernesto Laclau.

ABSTRACT: We intend to analyze the proposals of the social construction of reality from the Discourse Theory in anticipation of Ernesto Laclau and discourse analysis of Michel Foucault. A speech from the perspective of Laclau occurs through the joint contingent identities, around demands monopolized by one of the identities that shape the meaning of reality. This closure of meaning is always endless and so is contingent and temporary. As for Foucault, the meaning of discourse is not tied to their past emergency conditions, and what defines it is not so much a set of common features, but a set of rules common training and institutional framework from which emanates the authority of speech. Here I present the epistemological assumptions of both authors and their implications on the political construction.

KEYWORDS: Discourse Theory. Discourse Analysis. Michel Foucault. Ernesto Laclau.

Introdução

A pensamento social contemporâneo é marcado pelo pensamento antiessencialista, contingente, pela fissura da filosofia da linguagem e na natureza do poder na constituição da realidade. Michel Foucault e sua proposta de análise do discurso, descortinando desta maneira, as instituições de poder, subjacente àquele que fala, influenciou diretamente o

¹ Dr. Em Sociologia pelo PPGS/UFPE e prof. Adjunto da UPE. Artigo recebido em 23/07/2019 e aceito em 17/02/2020.

pensamento de Ernesto Laclau. Este, por sua vez, construiu a a teoria do discurso e o deslocamento de sujeitos em sua produção, tendo a política como elemento ontológico ao social.

O objetivo deste trabalho é o de definir o conceito de discurso em ambos os pensadores, apontando finalmente para as diferenças e fronteiras. Tanto Foucault quanto Laclau elaboram suas reflexões dentro de uma perspectiva estruturalista/pós-estruturalista. Para discutir a proposta de *análise do discurso* em Michel Foucault, enfatizaremos o seu trabalho laborioso contido na “história da sexualidade: a vontade de saber”. A nosso ver, embora este livro trate especificamente das formas institucionais por meio da qual o sexo foi historicamente construído, nele está contida a lógica do discurso, na perspectiva foucaultiana.

Para compreender a Teoria do Discurso cunhada por Ernesto Laclau e difundida por outros, destacamos o princípio de descentramento das identidades. As complexidades das relações contemporâneas colocaram em xeque um centro fixo constituidor das identidades. Há, portanto, uma pluralidade de centros. Isso coloca a emergência de muitas outras identidades, que podem ser hegemônicas num esquema de articulação, no processo de formação do discurso.

O trabalho está dividido em dois tópicos. Cada um deles com o objetivo de explicitar as propostas teóricas acerca do discurso. Finalmente, nas considerações finais tentaremos realizar as devidas aproximações e/ou distanciamentos entre Laclau e Foucault. Deste modo, fica claro que nosso método de investigação é bibliográfico e buscamos elucidar o conceito de discurso em ambos autores.

1. O discurso em Michel Foucault

Para Michel Foucault a produção e manutenção de um discurso são sempre institucionais. Desta forma, desvendar e compreender a fluência e rigidez de um discurso é facilitado pela operacionalização do poder. O discurso, portanto é resultado de uma relação de poder. Entretanto Foucault não se aproxima de Laclau, pois não parte do pressuposto de que esse discurso é homogeneizado numa ação ontologicamente política dos processos sociais históricos. Tentaremos esclarecer melhor, no decorrer deste texto. Para isto, tomamos por base a sua obra: história da sexualidade – a vontade de saber.

Desde o século XVII, no início da repressão sexual houve uma manipulação da linguagem para que houvesse também uma instrumentalização do discurso, do falado. O repertório cotidiano, de palavras utilizadas para designar o sexo, mudou de foco. Baniram termos e alocaram outros, estes últimos, cheios de pudor, de moral, de valores que imprimiam um modo recalcado (interdito) de tratar as questões de teor sexual.

A ideia central é que houve uma ampla discursividade sobre o sexo. Entretanto essa discursividade aconteceu de forma disciplinarizada. Isto é, foram desenvolvidos diversos mecanismos primeiro por meio da Igreja Católica e posteriormente pelo aparecimento de vários campos do conhecimento científico que pretendiam reafirmar uma verdade sobre o sexo. Para desvendar como se deu essa construção da positividade sobre o sexo, Foucault propõe o método de *análise do discurso*: quem fala sobre o sexo? O que se fala sobre ele? Qual o lugar social daquele que fala sobre sexo? Quem armazena o seu conhecimento e o difunde?

A nosso ver, Foucault insiste que mesmo na aparente crítica, pode estar mecanismos do poder, que disfarçam por meio de uma aparente denúncia, mas não explicitam como a repressão foi colocada; por meio de quais instituições ela foi afirmada; quais as implicações dessa concepção sedimentada. Ou seja, ele está sugerindo que a crítica que se faz da repressão pode ser uma maneira camuflada de legitimar outras formas elaboradas de imposição de poder sobre o corpo. De interdição das descobertas corporais.

Para Foucault, claramente houve uma incitação ao discurso do sexo. Entretanto essa incitação discursiva era regulada. As falas, e as permissividades deviam acontecer por meio de instituições que autorizavam o discurso. Numa primeira fase Foucault chamou de o dispositivo da aliança. E num momento posterior dispositivo da sexualidade. O primeiro refere-se aos mecanismos empreendidos pela religião no século XVII. Ele aponta para a expansividade que o sexo assumiu por meio da elaboração de um discurso. Um exemplo disso é visto na atuação da Igreja Católica que instigou a confissão, como forma de se falar das coisas secretas, do sexo. Já o dispositivo da sexualidade ocorreu pela substituição do centro: os mecanismos de controle do corpo são discursivamente sofisticados. Então surge a medicina, a psiquiatria, a psicologia, a pedagogia como formas institucionalizadas de poder que classificaram, nomearam e estabeleceram muros em torno do sexo. Desta maneira desenvolveram conhecimentos positivistas no qual prescindia uma forma correta de exercer a sexualidade e desnudar o corpo.

Nesses novos mecanismos de controle, a confissão ainda vigora. Elemento no qual alguém fala de si mesmo. Entretanto no ato de confessar, não há uma aproximação dos prazeres e construção de uma autonomia em relação ao desbravamento dos lugares do humano, das descobertas de si. Aquele que fala, que responde e que analisa a si mesmo é na verdade, aquele que se submete, que se constrange, que se torna vulnerável e impreciso. Nesse caso a instituição religiosa legitimada pelo conhecimento supostamente “coeso” e das sensações e experimentações do sexo daria a precisão no qual deveriam ocorrer as intimidades dos casais heterossexuais. A confissão, portanto é colocada por Foucault como aquela que rege a produção do discurso sobre o sexo. E essa confissão teve implicações em todos os outros mecanismos que se desenvolveram no século XIX.

A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos; confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros.” (FOUCAULT, 2003, p. 67-68).

As considerações de Foucault explicitadas na *história da sexualidade* mostram-nos a lógica por meio da qual o discurso é operacionalizado. Embora ele trate do controle do corpo e dos mecanismos que permitiram o exercício exemplar deste controle, o texto aponta a estrutura do discurso. O discurso em Foucault deve ser tomado em sua positividade. Isto é, interessa menos a sua origem e por outro lado há uma importância nas regras de seu funcionamento, permanência e até sua transformação. Quem estabelece as regras e autoriza o seu funcionamento? Quem define a lógica de seu funcionamento, em quais situações? (SALES, 2008). Desta maneira, para entender o discurso em Michel Foucault é necessário tanto a perscrutação arqueológica, quanto a ideia de uma genealogia.

O legado arqueológico seria, na proposta de Foucault, a marginalidade do conteúdo dos discursos, das representações a que ele se remete. A partir da arqueologia o discurso é entendido a partir dele próprio. A análise não busca um discurso por trás do discurso (FOUCAULT, 2004). Foucault explicita que para a proposta da arqueologia do saber, as contradições não são tomadas como enigma que devem ser decifrados para compreensão do

todo. Para que haja um descortinar e finalmente se exponha as estruturas e redes de significado. São objetos descritos por si mesmos. (*Id. Ibid.*)

A genealogia, por sua vez, se contrapõe ao método histórico, de que há uma continuidade e de que o objeto remete a um mundo de significado por trás de si. A genealogia destaca as descontinuidades como algo significativo em si mesmo. Rabinow sustenta que Foucault, por meio da genealogia, reafirma que a gênese das coisas não tem primazia alguma. Que não existe essa transcendência ao discurso que o explica e o define e o interpreta com coesão. Portanto, a genealogia seria a histórica do presente (RABINOW e DREYFUS, 1995).

Foucault mostra que a tendência é imaginar que no começo das coisas está a perfeição. Um tempo fora do tempo, no qual as coisas se originaram a partir de uma criação divina. Em outras palavras, há uma tendência a mitificar o início narrando a degradação dos tempos seguintes (FOUCAULT, 2000). Não há um fato transcendente ao discurso que o explica e que tem a verdade sobre ele. Mas a lógica proposta por Foucault é a imanência do texto, do discurso, do objeto. Ele é o significado dele mesmo. Não há uma filiação e nem mesmo um mito fundador que apreende todo o discurso. As rupturas são os fatos que interessam à genealogia. Como o próprio Foucault diz, a genealogia se opõe ao aspecto meta-histórico da história. Ou seja, que o objeto remete-nos a uma realidade subjacente a ele; que reconstruir um discurso é retomar personagens ou acontecimentos que não aparecem no objeto, ou no discurso, ou no texto, mas que, contudo, são fundamentais para seu entendimento (*Id. Ibid.*).

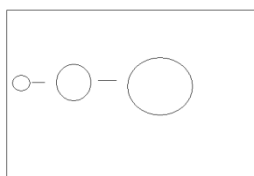
Entender o discurso em Foucault, a partir da arqueologia, coloca-nos para além da bipolaridade histórica do original e o repetitivo, entre o novo e o velho, entre a regularidade e a dispersão. Para ele, o discurso é a regularidade na dispersão. Isto é, a irregularidade, em suas próprias palavras não designa o desviante, o marginal, o retardatário ou mesmo o profético. Isso seria um positivismo do qual Foucault declina. Seria prescindir uma coerência, negada pelo próprio conceito de arqueologia. Nesse caso, a regularidade melhor se refere *ao conjunto das condições nas quais se exerce a função enunciativa que assegura e define sua existência* (FOUCAULT, 2002).

É explícito o argumento de que todo enunciado é portador de uma regularidade que se contrapõe a outras regularidades. Isto é, a outras práticas discursivas. Desta maneira, está posto o significado de que um discurso consiste numa regularidade na dispersão. Ou seja, na

pluralidade discursiva produzida numa sociedade, regrada institucionalmente, atravessada pela concepção de poder estrutural embora fluído, há uma insistente simetria – digo logo que não devemos entender simetria como linearidade – uma repetição, um modo no qual o discurso se reafirma por regras e disciplinaridade, por um lugar no qual a verdade e o conhecimento do outrem são mais bem ditos por quem produz o discurso.

O que busca nos textos de Lineu ou de Buffon, de Petty ou de Ricardo, de Pinel ou de Bichat, não é estabelecer a lista dos santos fundadores; é revelar a regularidade de uma prática discursiva que é exercida, do mesmo modo, por todos os seus sucessores menos originais, ou por alguns de seus predecessores... (FOUCAULT, 2002, p. 163).

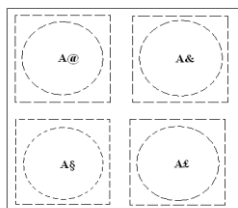
Tentamos representar graficamente o discurso na perspectiva foucauldiana². Na arqueologia do saber está evidenciada, de maneira acintosa, a ideia de que para entender um discurso a sua repetição não é um critério de importância. As regras que o mantém, e as reverberações no comportamento são suficientes para o seu entendimento. Portanto, segue abaixo o que seria o discurso na perspectiva de Foucault.



Talvez um gráfico melhor possa ser redigido, mas grosso modo, esse representa a ideia geral de Foucault, acerca da constituição de um discurso. Uma prática discursiva influencia o aparecimento de outras práticas discursivas. Entretanto, para entender o círculo maior – entendido, por nós, como um discurso atual de algo já difundido há tempos – basta as próprias regras de seu funcionamento. Seu significado está em si mesmo. Não existe um *a priori* que vai legitimá-lo e conferir uma essência, sem a qual o entendimento de seu funcionamento ficaria comprometido.

A seguir um gráfico do que seria o interior de um discurso em Foucault.

² As representações em forma gráfica que se referem ao discurso na perspectiva de Foucault foram cunhadas por nós, durante a elaboração desse texto. Eles constituem a nossa tentativa de apresentar didaticamente a estrutura discursiva na teoria de Michel Foucault.



- 1- Os quadrados são as instituições (cada quadrado pode ser um composto de instituições. Um bom exemplo, de acordo com o próprio Foucault, seria o aparecimento de diversas ciências que imprimiram um modo de controle do corpo – pedagogia, psicologia, psiquiatria).
- 2- Os círculos no interior dos quadrados são os discursos. Tanto os discursos, quanto as instituições estão representados de maneira pontilhada, pois sugerimos uma mescla entre arqueologia e genealogia. Ou seja, em alguns casos essa sobreposição de instituições sobre os discursos pode não ser linear. Os discursos podem engendrar instituições. Nesse caso, estas seriam efeito e reprodutores do discurso.
- 3- Os elementos dentro de cada círculo são os sujeitos em quem os discursos são inscritos e se manifestam. Percebe-se um único sujeito disciplinarizado por quatro discursos. Na concepção foucauldiana, a subjetividade é construída pela determinação dos discursos de instituições que dizem a verdade sobre os indivíduos. Então, um mesmo indivíduo desenvolve um comportamento, conduta e valores diferentes a depender de cada sujeição discursiva ideológica.

2. O discurso em Ernesto Laclau

Tentaremos no decorrer deste tópico explicitar de forma clara em que consiste a Teoria do Discurso cunhada por Ernesto Laclau. Contudo, para entender sua proposta teórica é preciso pontuar algumas categorias centrais em suas reflexões: a pluralidade de posições que o sujeito pode ocupar nas sociedades contemporâneas; os antagonismos próprios das práticas sociais, visto que em sua concepção o social é ontologicamente político; o caráter aberto do social e finalmente a teoria da hegemonia como ponto estável, embora contingente, das identidades. De antemão reafirmamos que não traremos uma definição didática de cada conceito aqui destacado, mas eles se darão na medida em que avançamos no texto, tomando ações práticas nas quais as articulações discursivas, nestas perspectivas, se evidenciam.

O discurso não é restrito a área da fala e da escrita. Para Laclau o discurso é o tecido no qual as coisas se constituem. Sem discurso não há realidade. O discurso é um complexo de elementos dados a partir de um conjunto de relações. Isso já impõe o caráter aberto dos elementos, pois sem tais relações não são o que são. Ou, enquanto elementos que compõem um outro sistema de relações, terão outro significados. Seu conteúdo identitário se molda no entrecruzamento de cada nova relação, num sistema discursivo. Os elementos são constituídos por meio do complexo relacional (LACLAU, 2005).

As identidades, nas sociedades contemporâneas são fragmentadas pela posição múltipla do sujeito. Esse sujeito imerso num sistema de relação entre diversas posições e, portanto, reprodutor de discursos diversos e antagônicos, carece entre uma posição e outra, no contato/confronto com outras identidades, de pontos nodais. Os significados deste mundo são dados pela equivalência entre os elementos. Há um sistema de relação que imprime os significados.

Como o discurso na perspectiva de Laclau constitui o deslocamento³ de sujeitos, é necessário compreender sua crítica ao marxismo. A compreensão do social contemporâneo é colocada por Laclau como plural e complexo. Nesta ótica, a teoria marxista, não daria conta dessas relações sociais. Para Laclau, o antagonismo capital *versus* trabalho é uma dimensão, dentre outras, postas na sociedade, nas quais os sujeitos transitam e se articulam. Desta maneira o político e o social, o jurídico, o religioso e ainda outras, não devem ser colocadas como representações cujo lócus maior, subjacente seja o econômico. O econômico, na perspectiva marxista antecede e produz a consciência. Para Laclau cada uma dessas dimensões vai sobrepor umas às outras num jogo de justaposição (LACLAU, 1986).

Tomemos como exemplo a produção desse texto. No momento mesmo em que escrevo tal artigo se coloca uma série de cuidados epistemológicos e um hermético sistema metodológico que basilar a sua construção. Entretanto, tais diretrizes seriam inconcebíveis numa mesma conversa, acerca da teoria do discurso, dentro de uma dinâmica relacional, que ocorre numa mesa de bar. No segundo momento a fluidez, talvez até desconexa, se presentifique no discurso; no primeiro caso o rigor do método impede tal despojamento. Assim, há um conjunto de elementos que estabelece o significado; para além disso, esse sistema também é fronteiro à identidade: se devo ser rigoroso no trabalho, não posso falar

³ Na perspectiva laclauiana, *deslocamento* são situações que criam uma desestrutura. Os elementos de amarração são afrouxados precisando de um restabelecimento: o senso de identidade, a crise suturada. O deslocamento necessita de uma sutura.

desconexamente. O sistema discursivo coloca elementos à disposição numa determinada posição do sujeito e impede a articulação de outros, numa outra posição. Assim há práticas discursivas diferentes, ainda que trate de temas semelhantes. Neste exemplo, os elementos cooptados e articulados na produção do discurso, em cada posição do agente social produzirão discursos diferenciados. O discurso articula elementos, que para tornarem-se elementos/momentos de um discurso está sempre inscrito numa lógica da diferença e de sua posição nela (BURITY, 1997).

O sentido de algo é sempre determinado por sua relação com outros elementos num sistema de relações. Dentro de uma situação na qual, vários elementos são articulados constrói-se temporariamente o sentido. Esse sentido, embora seja marcado pela contingência, traz à baila a estabilidade. Além de precária, esta estabilidade ocorre em relação àquele conjunto de regras e dentro de uma prática discursiva cujas fissuras esvaem-se com a imposição de pontos nodais. (BURITY, 2008).

Aqui coloca-se pertinente a definição de prática articulatória. Os elementos articulam-se a partir de um ponto nodal. Dessa forma, esses elementos tornam-se em momentos. Como aparece na representação gráfica abaixo. Desta forma, um elemento se expressará como constituidor de um momento específico em que a realidade se constitui contestatória. Para Laclau, a conexão desses diversos elementos/momentos constitui-se no discurso. Esse discurso antagônico, pois há uma disputa entre os diversos elementos/momentos em seu interior, também vai travar no amplo espaço do social uma luta pela hegemonia (MENDONÇA e PEIXOTO, 2008).

Desta maneira, de forma mais sistemática, hegemonia é uma relação em que uma determinada identidade, num determinado contexto histórico, de forma precária e contingente, passa a representar, a partir de uma relação equivalencial, múltiplos elementos. A ideia de hegemonia existe justamente em contraposição à ideia de *falta constitutiva*, presente na teoria laclauiana. A noção de falta constitutiva, por sua vez, induz à ideia de que todas as identidades se constituem sempre de forma incompleta, seja em função da sua própria articulação incompleta de sentidos, seja a partir de sua relação com outras identidades, seja, ainda, por sua negação, a partir de seu corte antagônico (uma outra identidade que nega sua própria constituição). (*Id. Ibid.* p. 30)

Vejamos, por exemplo, como foi constituída concretamente a justificativa e realização do Impeachment em 2016 da Presidente do Brasil, Dilma Vana Roussef. Muitos

atores sociais foram importantes para que o evento tivesse a legalidade e aceitação nacional. (i) A mídia, (ii) A classe Elite, (iii) a religião evangélica de orientação pentecostal, (iv) a classe política e (v) a classe média. A articulação destes diversos atores, diferenciados no interior da sociedade se juntaram pela representação de um horizonte comum. Estes atores defendiam em termos amplos o princípio de meritocracia e anti-corrupção do Estado, auxiliados por uma política de notícias mentirosas, no estímulo ao ódio corporificado no PT, posto como inimigo substancial do povo brasileiro. Todas estes atores articulados e estratégias difundidas hegemonizaram grande parte da população. Esta população foi às ruas, movimentos sociais emergiram a partir destas combinações, os políticos organizaram-se estrategicamente nas casas legislativas, a mídia e os religiosos deram apoio irrestrito. Em contrapartida, os movimentos sociais contra-hegemônicos também se organizaram, a mídia social alternativa produziu outras informações e a classe política não foi forte o suficiente para barrar o avanço do processo que tentava deslegitimar a eleição de Dilma Rouseff. Perceba que, os aliados devidamente articulados foram mais fortes de um lado do que de outro.

O elemento articulador dessas diferenças pode ser nomeado como ponto nodal. Na constituição desse discurso, vários elementos (identidades) ficaram de fora. Não se acoplaram ao discurso, por possuírem característica antagonizante de maneira que a sua entrada poderia modificar a natureza do discurso. Ou pela própria pluralidade, tais elementos podem estar articulados com outros discursos. Mas, o confronto com um adversário, comum aos próprios adversários traz à baila a necessidade de uma hegemonia temporária e precária, para que possam subsistir em suas próprias diferenças, que no momento da articulação estão em sua forma latente.

Está posto, aqui, em que consiste a teoria do discurso de Ernesto Laclau. Observamos que é resultado do deslocamento de sujeitos pela condição primária de sua pluralidade e a constituinte contingência de sua natureza não suturada. Entretanto, isso não significa que o discurso ocorre pela vontade própria do sujeito em transitar por diversas posições. Esse deslocamento é imposto estruturalmente. Esse é o ponto comum com a “análise do discurso” de Michel Foucault.

Considerações finais

Enquanto Laclau desenvolve sua reflexão sobre discurso dentro de uma categoria que engloba o linguístico e o extralinguístico, Foucault não necessariamente centra sua ideia de discurso numa concepção de ordem morfológica das palavras que culminam em ações sociais. Percebemos que em Foucault, *língua e enunciado não estão no mesmo nível de existência* (FOUCAULT, 2004).

Foucault faz um recorte no que ele chama de enunciado discursivo e este não se reduz ao linguístico. Entretanto este enunciado sempre se reporta à língua, por meio da lógica, e o próprio ato de análise que é um ato linguístico. Tomando o exemplo prático para o entendimento da homogeneização, Foucault procura a sistematicidade e coloca o texto como portador de contradições. Lugar de colisão e paradigma diferentes. Foucault propõe uma análise cujo centro é a investigação das arestas e contradições. Em sua perspectiva elas são importantes.

Para análise do discurso o mito fundador não importa. Para entender o discurso deve-se partir da lógica imanente e não transcendente ao texto. E finalmente, por contiguidade Foucault e Laclau aparecem na concepção de que: um discurso é sempre o fechamento de um sentido; é sempre resultado de práticas discursivas e resultado de práticas sociais. Laclau acrescentaria a contingência desse sentido, visto que sua constituição passa pelo seu caráter aberto, posto antes de tudo, por sua identidade fragmentada e antagônica.

A estrutura discursiva não é um agrupamento homogêneo de elementos organizados. Do contrário rigorosamente constituído de antagonismos entre elementos num processo contínuo de articulação, deslocamento e nova articulação. O discurso, portanto, é esse conjunto temporariamente articulado e identitariamente fadado a redimensionar-se, pois outro elemento pode sobrepor-se hegemonicamente. Portanto, para Laclau, todo discurso é expresso em sua positividade. Isso significa que, todo discurso é uma tentativa de dar conta do social, embora ele sempre continue com seu caráter aberto, dado a precariedade do discurso estabelecer estabilidade. O social na perspectiva de Laclau é político-ontológico.

Tanto para Laclau, quanto Foucault, todo discurso é uma tentativa de dominar o campo da discursividade. Assim comenta Ronaldo Sales:

...todo discurso é uma tentativa de dominar o campo da discursividade, deter o fluxo das diferenças, construir um centro, dizer a verdade do social. Com a articulação metodológica entre genealogia e a desconstrução torna-se possível problematizar noções como identidade, unidade, originalidade e significação, mediante o uso de noções como acontecimento, práticas, série,

regularidade, possibilidade, acaso, contingência, descontinuidade, dependência, articulação, transformação (SALES, 2008).

Finalmente, não podemos deixar de pontuar que, o *dispositivo estratégico* é talvez o ponto mais próximo entre Foucault e Laclau. O dispositivo seria uma espécie de linha que desvenda diversas direções. Apontam as aporias constante e elucida o processo contínuo de re-articulação, deslocamentos, e polissemia. Assim o discurso em Laclau é próximo do *dispositivo estratégico* em Foucault.

REFERÊNCIAS

BURITY, Joanildo A. Desconstrução, hegemonia e democracia: o pós-marxismo de Ernesto Laclau. In: OLIVEIRA, Marcos Aurélio Guedes. *Política e contemporaneidade no Brasil*. Recife: Bagaço, 1997, p. 29-74.

_____. Discurso, política e sujeito na Teoria da Hegemonia de Ernesto Laclau. In: MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto (Orgs). *Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau*. Porto Alegre, 2008, p. 35-51.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *A arqueologia do saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Ditos & Escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 15ª ed. São Paulo: Graal, 2003.

LACLAU, Ernesto. Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 2, vol. 1, out., 1986.

_____. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina S.A, 2005.

LACLAU, Ernesto. MOUFFE, Chantal. *Hegemonia y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia*. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2004.

MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto. Em torno de Ernesto Laclau. In: MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto (Orgs). *Pós-Estruturalismo e Teodira do Discurso: em torno de Ernesto Laclau*. Porto Alegre, 2008, p. 25-33.

RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

SALES, Ronaldo. Laclau e Foucault: desconstrução e genealogia. In: MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto (Orgs). *Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau*. Porto Alegre, 2008, p. 145 – 163.